Evolução conceitual da psicologia — da alma ao comportamento

Eliezer Schneider *

Como ciência do comportamento, a psicologia se integraria hoje entre outras disciplinas, como já o tentara Comte em sua classificação das ciências. O comportamento é objeto de estudo da sociologia, antropologia cultural e social, economia, política, história, psicobiologia, etologia, neurofisiologia, neuropsicologia, psiquiatria, pedagogia, restando pouco para a própria psicologia. Esta, porém, só pode ser considerada como desintegrada ou nula pelos que ainda se apegam dogmaticamente a um sociologismo extremo, ou a qualquer modalidade de dualismo (alma e corpo, ciências naturais e espirituais etc.). Seja como complemento das ciências biológicas, seja como básica nos processos sociais, fundamentando as ciências sociais nas biológicas, como elo intermediário obrigatório, a psicologia nasceu e cresceu para atender principalmente à imperiosa necessidade de se comprender e se explicar (afim de bem se controlar) as condutas humana e animal. O controle punitivo foi sempre relativamente eficaz em termos de segurança e dominação de indivíduos e grupos, mas não em termos de conhecimento, informação e explicação. Aliás, conheciam-se e previam-se os comportamentos animal e humano diante da violência, da dor, do medo, enfim, com os recursos punitivos de controle. Tudo o mais, de negativo e positivo, ficava entregue à fantasia, à magia, à demonologia, ou à indiferença da ignorância. Nas antigas fases da história de alguns pou-

* Do DPE.

cos povos em processo de civilização, em que não se puniam os homens que atendiam e expressavam sua incoercível necessidade de especular, esta se estendia também para os imprevistos e mistérios da "alma humana". Bastava deixar-se a atividade humana um pouco livre, menos arregimentada, restrita, ameaçada, escravizada, dirigida, para que as mais diversas indagações fossem feitas, inclusive sobre a própria atividade humana. Do controle animal do mais forte e agressivo, conforme os modelos da selva, ao controle dos mais fortes nas hordas humanas primevas, e, ao controle dos mais fortemente armados nas sociedades selvagens, bárbaras e "civilizadas", arcaicas ou modernas, às diversas modalidades do poder absoluto clássico, medieval e moderno, e, deste estilo de dominação aos padrões tecnológicos e persuasivos atuais, o resultado era quase o mesmo: o empobrecimento ou bitolamento da atividade humana. Skinner, Zajonc e outros psicólogos já ventilaram o assunto sob diversos prismas. Do ponto de vista da psicologia educacional e anormal, também se sabe que quanto mais se inibe e se oprime punitivamente o comportamento da criança e do jovem, mais limitado, pobre e previsível será sua conduta. Esta veio a tornar-se objeto de curiosidade científica, somente depois de grande ampliação e diversificação numa extensa acumulação de experiência histórica que se seguiu à suavização (humanização) do controle punitivo.

Nos termos acima, a evolução do conceito de psicologia corresponde historicamente à evolução da cultura humana, incluindo-se nesta expressão a evolução social, política, jurídica, educacional, religiosa, administrativa, familiar etc. Na medida em que as esporádicas revoltas do homem à sua escravização e opressão acumulavam doutrinas e aspirações anticoercitivas e antipunitivas, ou de humanização e justiça, acumulavam-se também resistências e oposições ao controle tirânico, absoluto, ou autocrático. Por outro lado, passava-se a sonhar e idealizar utopias e ideologias redentoras libertárias e igualitárias, lutando-se violentamente (punitivamente) pela "liberdade" e sofrendo-se reações violentas (punitivas) liberticidas. Acreditamos, retornando a Watson, que o anseio de liberdade é basicamente o impulso contra o cerceamento da atividade espontânea, livre, uma forma de repulsa, resistência e agressão contra uma dominação agressiva restritiva e frustrante. A expres-

são verbal, talvez universal, de "luta pela liberdade", já estaria refletindo seu componente agressivo, na forma da contra-agressão. Não estamos propriamente reduzindo — estamos formando, a partir do esquema original watsoniano da restrição experimental forçada dos movimentos do bebê e sua natural, inata reação de liberação com esforço, expressões fisionômicas careteantes, emissões sonoras de "irritação" (suposta) e finalmente choro de raiva. A interpretação de que se tratava de choro de raiva foi acusada por alguns críticos como arbitrária, quer dizer, interpretativa. Observando-se porém toda a seqüência e os mínimos detalhes do choro e das reações motrizes e faciais (com ou sem os recursos tecnológicos audiovisuais hodiernos), notam-se facilmente as diferenças tão contestadas, entre os choros de raiva, de medo, de dor (cólica) e de fome, no bebê. A psicologia infantil contemporânea reforçada com a metodologia naturalística etológica, vem selecionando muitas observações de minúcias comportamentais, demonstrando que muitas reações inatas da criança e do adulto para com a criança (como reflexos pupilares, sorrisos etc.), são bem mais numerosas do que supunha Watson. É evidente também que a criança continua a apresentar várias reações dependentes muito mais do próprio crescimento do que da experiência e aprendizagem vividas no seu meio. Temos que aceitar como inferência lógica fundamentada em dados biológicos, paleontológicos e psicológicos, que a longa e acidentada história filogenética do homem, com suas inúmeras "contingências de sobrevivência" (Skinner), deve ter acarretado algumas conseqüências para o seu equipamento não só anatômico e fisiológico, mas também comportamental inato, do homem.

Watson, com seu empirismo condutista, procurou evitar toda e qualquer especulação (como se isso fosse possível) e fazer da observação experimental pura e simples da conduta, a tarefa precípua da psicologia. Trata-se de uma abordagem metodológica restritiva, mas que serviu à psicologia para liberá-la de verdadeiros impasses impostos pelas posições que lhes fixaram suas raízes filosóficas e fisiológicas. Representou, sem dúvida, um avanço conceitual, porque integrava a psicologia na ciência natural, sem condições distintivas marginalizantes, conforme ocorria com os conceitos de consciência, mente ou alma. Por outro lado, iniciava-se uma fase de zelo metodológico e experimentalista que chegava freqüentemente a um extremo que muito se aproximava do estilo obsessivo-compul-

sivo. Não escapavam deste estilo as correntes opositoras do behaviorismo, como a do gestaltismo, nem os pesquisadores independentes ou não identificados com as escolas psicológicas dominantes nestas últimas cinco décadas. O indiscutível progresso científico da psicologia acadêmica e a expectativa de uma evolução consolidadora de seu *status* de ciência natural, foram certamente fatores decisivos neste zelo metodológico digno de apoio e aplausos, mas que devem ser vistos hoje sob critérios críticos e perspectivas amplas. As reservas e prevenções contra as suposições geneticistas, que tomaram tanto vulto após a reação empirista antiinstintivista da década de 20, não mais se justificam.

Outro mérito, não menos importante e, aparentemente, definitivo do condutismo, é o conceitual. Watson foi precedido no uso do termo "comportamento" até por McDougall, seu ferrenho opositor. Como objeto de estudo da psicologia, o comportamento foi adotado também pelos gestaltistas, críticos severos e obstinados do behaviorismo. Watson porém lançou, destacou, precisou e empregou o conceito de comportamento de modo sistemático e efetivo, considerando-o um marco na história da ciência natural, por suas implicações saneadoras e renovadoras da psicologia experimental, principalmente no que se refere à metodologia da pesquisa científica. Podia-se assim pretender realmente o controle das variáveis-estímulo, determinantes, observando-se suas relações com as variáveis-resposta, conseqüentes, determinadas. Nesta positiva preocupação de controle, os animais de laboratório passavam a ocupar o amplo e decisivo papel que já ocupavam no campo das pesquisas biológicas.

Não vendo como fazer do homem adulto um bom sujeito de laboratório, John Watson e Mary Cover Jones, sua seguidora, passaram ao controle de bebês, abrindo um terreno fecundo de estudo objetivo numa área de grande interesse, que muito aproximava diversas disciplinas psicológicas (psicologia geral, infantil, da aprendizagem, do desenvolvimento, da personalidade, social e educacional).

Por maiores que fossem as limitações de Watson no que tange à sua orientação epistemológica, social e educacional, revelando preconceitos étnicos e favorecendo em certa época o condicionamento pedagógico punitivo, é indiscutível que ele deu reinício a mais uma escalada do empirismo científico na direção do estudo do "psiquismo" humano, algo que permanecia até então um tanto nebuloso.

Desenvolvia-se um processo que após a consolidação do terreno conquistado no estudo do condicionamento clássico e instrumental e da aprendizagem animal, abria perspectivas para nova escalada do conhecimento do homem. Evidentemente, Watson foi sensível ao fato de que a psicologia refletiria o progresso geral da ciência, da qual seria um dos produtos, muito mais do que do esforço e do gênio de alguns psicólogos pioneiros. Já se podia pensar em psicologia como um dos ramos da ciência natural e enfrentar-se suas implicações.

Contudo, nem todas as implicações puderam ser enfrentadas de modo efetivo, precisamente porque escapavam à precisão da metodologia científica natural. Por devoção e lealdade ao código do cientista, voltava o psicólogo experimental a se prender ao simples, elementar ou relevante devidamente controlado, público e reprodutível, claramente observável e descritível, bem como comunicável de modo preciso, objetivo e operacional, além de suscetível de tratamento quantitativo e estatístico na pesquisa e na expressão dos dados obtidos. Era um retorno, embora com novas forças, ao otimismo metodológico dos tempos da primeira arrancada experimentalista da psicologia, liderada por Wundt e Titchener. Restava, no entanto, um mundo imenso de temas e problemas psicológicos de grande interesse teórico e prático, importantíssimos para a vida social humana, que não podiam ser sequer abordados pela nova escalada científica da psicologia. Nos setores aplicados de interesse industrial, militar e escolar, apelava-se a alguns dos meios tão caros ao código científico; os sofisticados recursos quantitativos possíveis no nível complexo do comportamento social das crianças e dos adultos. Conseguia-se assim uma elegância científica sem muita consistência, dando origem a fórmulas e teorias da aptidão, inteligência, personalidade e dos conhecimentos e interesses de indivíduos e grupos que Kenneth Spence (1956) considerou limitadas do ponto de vista científico, já que não iam além das relações R-R, isto é, resposta-resposta, correlações indicativas apenas de coincidência ou mesmo coerências paralelas, mas não de análises e explicações científicas, que deveriam ser do tipo E-R, isto é, estímulo-resposta, antecedentes-conseqüentes, variáveis independentes e dependentes. Spence queixava-se freqüentemente em aulas, artigos e conferências, que a psicologia científica estava sendo prejudicada em seu esforço de pesquisa e

desenvolvimento metológico rigoroso, porque os psicólogos sem formação e orientação científicas, eram em número excessivo, muitos deles de vocação artística e literária, tumultuando e confundindo o legítimo trabalho do cientista do comportamento. Chegava mesmo a apelar para que não permanecessem no campo da psicologia acadêmica, os que não tivessem formação e metas rigorosamente científicas.

Não há, contudo, argumentos empíricos, positivos e lógicos que contestem o fato histórico de que em longa e rica experiência filosófica, não teriam surgido as condições para o aparecimento da ciência, ou, em nossos termos, que sem os ensaios, erros e acertos da especulação intelectual (filosófica), não teriam surgido as especulações verificáveis do novo estilo de pensador e inquiridor — o do cientista. Certamente, não foi só a filosofia em seus desbravamentos a esmo que preparou o conhecimento científico. Do artesanato mais simples e tosco à tecnologia moderna, há uma longa história de tentativas, fracassos e sucessos no empenho de dominação do meio e do seu aproveitamento máximo para fins de segurança e conforto. O artesanato como precursor da ciência prática e experimental e a filosofia na origem da ciência pura e teórica, confluíram na gênese de uma nova abordagem de estudo dos fenômenos experimentados pelo homem. O homem passou a diminuir sua margem de erro nos ensaios para conhecer, controlar, prever e prover, porque descobrira um método de investigação que oferecia a vantagem da verificação e do controle dos determinantes. A necessidade psicológica humana de especular, continuou porém e continua a motivar o homem na sua natural atividade indagativa, em busca de respostas satisfatórias.

Que se chame de arte, como diria Spense, a especulação livre ou formulação de hipóteses não-verificáveis (ou melhor, sem possibilidades de verificação imediata), já que tanto se caracteriza pelo improviso e pela aptidão, imaginação, intuição e criatividade. Se a metafísica é para o positivista rígido um mero jogo de palavras e uma arte de abstração e persuasão verbal e de pseudoproblemas, sua persistência nesta era científico-tecnológica prova que atende a uma necessidade humana, reforçando-se a especulação por suas conseqüências positivas. Que se chame de arte das idéias ou da ideação, a especulação livre e meio às cegas, que antecipa a

caminhada cautelosa mas segura da ciência. Sem a criação de idéias, nem o artesão, o técnico, o tecnólogo, nem o cientista experimental seriam capazes de planejar, executar e aperfeiçoar suas realizações práticas. Há um comportamento simbólico substitutivo, representador e antecipador da experiência, de caráter privado e subjetivo sem dúvida, mas que todos observam introspectivamente, preenchendo assim o requisito do consenso geral. É também espontâneo, casual por vezes e enganoso outras, mas corrigível, controlável e aperfeiçoável. Sua universalidade na espécie humana é óbvia, variando porém de indivíduo para indivíduo, quanto à versatilidade e capacidade. Cabe até a seguinte analogia: assim como a manipulação pode estar na origem infantil de certas aptidões artísticas manuais, a ideação seria a fonte de outras habilidades, bem diferentes e não suscetíveis de observação objetiva, mas reconhecidas unanimemente através da linguagem e comunicação em geral, sendo mesmo uma forma de linguagem e comunicação do indivíduo consigo próprio.

Não temos ainda por que não considerar essas habilidades e realizações como autênticas estimulações liberadoras de atividades exploratórias, reforçadas pela solução de problemas por reações de espontânea admiração, tal como diante do belo feminino-masculino e infantil, do belo da natureza ambiente e do estético em obras e esboços artísticos manuais de indivíduos especialmente hábeis. Motivado por necessidades de investigar, conhecer, dominar, explicar, prever para se precaver e para confirmar suas especulações, sendo pois contingentemente reforçado em seu comportamento indagativo, manipulativo e observante, em face dos mais diversos eventos e fenômenos com que se depara no mundo (não apenas do "meio comportamental" próximo), o homem passou, muito cedo em sua história, a admirar e cultivar a elaboração e comunicação das idéias que, através da linguagem, se tornaram poderosos meios de controle do comportamento individual e social. Mesmo censurando severamente a tudo que tivesse origem e sentido "mentalista", Watson relevava devidamente a importância do pensamento, ao defini-lo como "linguagem subvocal". Restringiu-se, porém, rigidamente ao seguramente observável e controlável, auto-restrição praticada cuidadosamente por seus seguidores e revisores e defendida abertamente pelo brilhante neobehaviorista hipotético-dedutivo e teorizador, altamente produtivo, que foi Kenneth Spence. Este gran-

de pesquisador acusava como anticientífica toda e qualquer especulação que escapasse aos limites metodológicos do controle e da comprovação. Ele, como Hull e Tolman, não resistiram porém à necessidade de especular "variáveis intervenientes", "*constructos* lógicos" e processos mediacionais imaginários, embora apenas formal e simbolicamente e sempre correlacionados com dados empíricos.

Esta necessidade ideativa (imaginativa, hipotetizante, explicativa, teorizante), de suposta natureza "mental" e inobservável, é uma realidade viva e envolvente que a história da mitologia, teologia, filosofia, arte, ciência e do desenvolvimento individual nos impinge. Trata-se de uma variável antecedente que relaciona o estímulo novo (ou estranho, vago, ambíguo, diferente, curioso), com a conduta observante e exploratória. Como numerosos "estímulos novos" ativam o comportamento, tornando-o dominante, persistente e dirigido para a meta (explicação), não podemos equiparar o comportamento indagativo apenas a um reflexo ou resposta discriminatória para determinados estímulos. A mobilização ativadora, despertadora e persistentemente instigadora que anima a conduta especulativa, pesquisante, exploratória, implica uma necessidade humana comparável ao comportamento exploratório de diversos animais, distinguindo-se porém por sua complexidade, versatilidade e fecundidade, refletindo um processo altamente evolucionário e portanto diferenciador. Sem dúvida, o homem da caverna explorou o mundo, suas coisas e suas variações, movido pela fome e pelo medo dos diversos perigos com que se defrontava. Estas eram, contudo, experiências comuns de todos os animais que também procuravam alimento, proteção e abrigo investigando o meio, combatendo os competidores e se defendendo ou fugindo diante do ataque dos predadores. O "saber para prever, a fim de prover", foi uma atividade evoluída do comportamento exploratório, apurando-se e especializando-se na conduta humana. É compreensível, pois, que antes de qualquer metodologia de controle, observação e verificação eficientes das especulações "mentais", estas fossem inevitáveis, profusas e incessantes, inclusive em torno do que pensa, sente, deseja, planeja, fala, vê, ouve, aprende, compreende, lembra, esquece, especula, duvida e convence, enfim o que "anima" a vida mental,

levando Aristóteles a escrever o seu *Peri psyché, Sobre a alma* (*De anima*), sobre o que anima o ser humano e todo o mundo "animado".

A imagem de um "sopro de vida" animando o organismo e a convicção de um Aristóteles de que o ser humano era um ser animado ou "animal", embora "político", isto é, capaz de criar sociedades e cidades para nelas viver, deram à psicologia, desde suas fontes mais remotas, um caráter biológico básico. A separação cartesiana entre corpo e alma, ocorreu muito depois, numa fase em que a evolução do conhecimento humano tornava possível empregar-se um modelo científico já relativamente consolidado, nas especulações explanatórias dos fenômenos naturais. Era a mecânica, primeiro ramo de alta precisão e preditibilidade na história da física moderna, o único modelo não-metafísico e não-sobrenatural à disposição dos pensadores da época, para a interpretação dos fenômenos fisiológicos. A ele recorreu Descartes para tal cobertura, nela incluindo todas as manifestações da vida animal, inclusive a humana, na qual segregava porém uma particularidade que não procedida da tradição escolástica e helênica, mas sim, possivelmente, de uma reminiscência dicotômica do animismo primitivo, tão influente ainda hoje em certas doutrinas místicas e versões populares das religiões. A dicotomia cartesiana exerceu e ainda exerce hoje grande domínio sobre o pensamento humano, mas não podia nem pode impedir o processo indagativo e especulativo, hipotético e teórico, empírico e experimental da ciência natural, processo abrangente a que não escapam nenhum dos fenômenos anímicos, simples e complexos, de fácil ou difícil acesso, primários e superiores, de micro e macroorganismos. A animação do corpo segundo os princípios gerais e básicos da mecânica, e o estudo da "alma" (*anima*), da "animação", segundo princípios especiais, diferentes, transcendentais, extra ou sobrenaturais, foram uma brilhante fórmula com a qual se evitava qualquer especulação, vã e nula, partindo-se do modelo mecânico da época, para se compreender e explicar os processos anímicos humanos superiores, psíquicos.

O estudo do mundo animado prosseguia, porém, cobrindo os mais minuciosos problemas de estrutura e função. A concepção da psicologia como ciência da alma passou a ser substituída então, na preferência de muito psicofilósofos, pela definição como ciência

empírica das faculdades mentais, esboçando-se assim a possibilidade de um modelo conceitual organicista, inspirado no maior conhecimento da anatomia e fisiologia. As "faculdades" (capacidades, funções, atividades) fisiológicas (digestiva, respiratória etc.), imaginadas como autônomas, como propriedades dos próprios órgãos, prestavam-se à suposição de outras faculdades, as "mentais", como pensar, sentir, desejar, imaginar, memorizar etc., a que se associava a doutrina das localizações cerebrais proposta por Gall e coerente o otimisticamente aplaudida por Comte. A posterior evolução do conhecimento histo-anátomo-fisiológico, no sentido da integração unitária e harmônica das funções orgânicas, veio impor novo modelo para os que acompanhavam mais de perto o progresso do conhecimento biológico. Sob a inspiração do progresso da análise química, imaginou J. Stuart Mill que o progresso da psicologia seguiria a mesma trilha, numa espécie de "química mental", concebendo-se as sensações, idéias, vontades e os sentimentos, como formações compostas de elementos psíquicos simples, que a análise psicológica revelaria. Óbvia pois a influência da química e também da biologia que mais se revelava ao se alcançar a unidade orgânica celular. A perspectiva que se firmava era a da psicologia como ciência de associações ou processos mentais.

Tomava-se porém, no final do século passado, nítida consciência da ambigüidade do conceito de "mente". A psicologia experimental deste período, analítica, associacionista, introspectiva e estrutural, passou a preferir conceitos menos vagos e distantes, propondo a definição da psicologia como ciência da experiência direta, ou simplesmente da experiência, já que a lógica e a epistemologia haviam-se sofisticado bastante, para não se iludirem com as supostas diferenças entre ciências de experiência direta e indireta. Mais distintivo e próximo do que fazia o psicólogo experimental, era o conceito de "consciência". A análise de seus conteúdos sensoriais ou mesmo dos pensamentos sem imagem, mas de natureza motriz, foram novos estágios da escalada construtiva de uma ciência psicológica, empreendimento que atraiu talentos e gênios notáveis como W. James, W. Wundt, Ebbinghaus, Kulpe, Galton, Titchener, Cattell, Thorndike, Binet, Dewey, Wertheimer, J. Watson, Koeler etc. Encontrava-se no conceito de consciência um fenômeno "psíquico" observável e descritível à luz da inspecção interior ou introspecção. Esta seria a abordagem metodológica apropriada para o exame dos

fenômenos subjetivos de tão difícil controle científico, intangíveis, inaudíveis, invisíveis e interiores, inacessíveis pois para os métodos consagrados pela metodologia das ciências naturais.

Se para os empiristas de inspiração humeana a consciência modelaria subjetivamente o mundo, para o senso-comum e o empirismo de fontes materialistas, ela refletiria o mundo, o que era, existia, apesar das distorções eventuais e acidentais. Constituiu porém uma etapa evolutiva a noção então urgente, de uma fenomenologia especificamente psíquica, embora acessível apenas através da auto-observação. Ingressava-se, com o estudo da consciência, na fase do modelo neurofisiológico e estabelecia-se academicamente a psicologia experimental, fisiologicamente delimitada na escola de Wundt, mas suficientemente autônoma em outros laboratórios alemães, norte-americanos, ingleses, franceses etc. Contudo, apesar do engenho e da grande operosidade dos brilhantes pioneiros da psicologia científica, já instalada em laboratórios, nas melhores universidades européias e norte-americanas, pouco se beneficiou a psicologia geral e seus ramos básicos e aplicados, do esforço de pesquisa, elaboração de recursos técnicos e quantitativos e análise dos conteúdos sensoriais e das manifestações afetivas que se introspeccionavam cuidadosamente, pela preparação dos sujeitos experimentandos na auto-observação de seus processos conscientes, treinamento subjetivo aparentemente controlado pelo observador com sua presença, suas instruções e seus instrumentos laboratoriais. Criou-se e desenvolveu-se porém um ramo intermediário entre a psicologia e a fisiologia, a psicofisiologia, e também uma tecnologia laboratorial que se iniciava com a psicofísica pura e desinteressada, mas evoluindo posteriormente para as aplicações práticas industritais diversas.

Paralelamente, porém, começaram a exercer fortes pressões outras correntes científicas e filosóficas que afluíam das ricas fontes das ciências biológicas, salientando-se com destaque, a teoria da evolução. A "consciência" passava a ser acentuada como fluxo, variação, mudança, caracterizando-se por um sentido ou papel eminentemente funcional adaptativo. James, Dewey, Hoffding etc., reformulavam o conceito de psicologia enfatizando a atividade considerada por seu sentido biológico. Apesar desta inspiração especial, nota-se sua estreita afinidade com a visão empírica da "psicologia do ato", de Brentano. Frisando a ação no lugar do conteúdo íntimo, surgi-

ram duas posições de origens distintas mas enfatizando ambas a fenomenologia psicológica *sui generis,* autônoma, embora sobre bases fisiológicas. Mas, apesar de ser encarada, estão, como ciência da "atividade mental", adaptativa e objetivamente observável e experimentável, nem por isto perdia seu arraigamento na vaga *psyché,* na mente ou no psiquismo, termos que substituiam a "alma", mantendo não obstante o vago, ambíguo e misterioso com suas implicações dicotômicas. A psicologia do "ato" de Brentano, preconizava por sua vez uma metodologia empírica distinta da experimental científico-natural, renovando assim a dicotomia cartesiana com repercussões que se renovam ainda hoje. Contudo, o conceito de atividade adaptativa ou vida mental, representava a confiança em um modelo científico novo e inspirador. Ampliava assim as perspectivas de um velho ramo da filosofia — sempre interessada no entendimento do conhecimento e da razão, do sentimento e da paixão, da vontade e da ação. Neste sentido, cultivava-se a expectativa de sua integração entre as ciências naturais. Não se superava porém, apesar de tudo, a fixação metafísica que persistia desde as origens platônicas e aristotélicas, até o revolucionário período que se seguiu a Darwin. A "mente" adquiria função adaptativa mas continuava a ser referida explícita e implicitamente como um poder especial, algo peculiar e transcendental, indefinível em termos empíricos e sagradamente irredutível.

A atividade animal passou a ser vista como função de suas necessidades vitais e de suas tendências adaptativas, princípios estes que eram estendidos à espécie humana e sua atividade mental. Estaria o *Homo Sapiens Sapiens* (denominação marcante) diferenciado profundamente por sua posição elevada na escala evolucionária, apresentando pois características e atividades de complexidade e distinção muito especiais. Consciência, inteligência e mais recentemente linguagem, começaram a ser relevadas como emergências distintas e peculiares, exclusivamente humanas para os mais resistentes e apenas como variações evolucionárias, quantitativamente superiores, para os que reconheciam as novas perspectivas biopsicológicas. Continuam a se renovar e a se sofisticar doutrinas segregantes entre ciências naturais e culturais, materiais e espirituais, nomotéticas e idiográficas, explicativas e compreensivas, reforçadas pelos princípios emergentistas, saltatórios, transformacionais, descontinuístas, dialéticos, da ruptura ou do corte epistemológico, vitalistas, anti-reducionistas etc. Por outro lado, a pers-

pectiva científica proporcionada pelo modelo físico-químico-biológico incentivava e enriquecia as iniciativas experimentais além dos limites da psicofísica e psicofisiologia. Com as tentativas laboratoriais no campo da psicologia comparada, do condicionamento de reflexos, da aprendizagem e da percepção e as elaborações quantitativas no campo das medidas das aptidões e inteligência, ficou fortalecida a direção cientificante que procurava submeter o estudo dos fenômenos psíquicos aos critérios metodológicos das ciências naturais. Avolumaram-se os estudos comparativos e a "psicologia objetiva" passou a ser expressão de um novo otimismo científico. Não foi longa a atuação de John B. Watson, mas duradoura e influente na reformulação do conceito e objeto da psicologia, repercutindo inclusive entre os que rejeitavam seu metodologismo e reducionismo inicial. Assim, até pesquisadores que contestavam ou ignoravam o behaviorismo, adotavam seus critérios empíricos e o termo "comportamento", que deixou de ser o objeto apenas da psicologia comportamentista. Entre as objeções críticas bem fundamentadas e argumentadas, as condenações, resistências e prevenções mais tendenciosas, preconceituosas e distorcidas, acumulam-se a partir de 1913 — data do primeiro artigo de J. B. Watson — omitindo ou relegando a segundo plano suas principais proposições e tentativas experimentais pioneiras, bem como as de seus continuadores e revisores, no sentido de se relevar o comportamento observável e seu controle ambiental. Eriçaram-se esses críticos, ao contrário, em torno do "objetivismo" e reducionismo glandular e motriz das primeiras publicações de Watson, animado pelos trabalhos experimentais de Pavlov e Bechterev, deixando de reconhecer o mérito da posição naturalística otimista, da confiança na metodologia experimental que se enriquecia e do destaque significativo da conceituação distintiva da psicologia como ciência da conduta, definição que passou a predominar. Esporadicamente, surgem autores que retomam a atividade mental ou a "consciência" como objeto da psicologia, ansiosos por definir e limitar o amplo conceito de comportamento. Outros, como Cosnier (1971), sob a influência da admiração moderna pelas ciências e tecnologias da comunicação, acreditam numa transição do "período comportamentalista" para o "comunicológico", definindo-se a psicologia, nesta nova fase, como "ciência das comunicações". Ações, reações, interações, relações, acomodações, associações, sinalizações, excitações, adaptações, enfim, dos organismos entre si e no

meio ambiente natural e/ou cultural, passam a ser encaradas como "comunicações". As trocas de sinais, estimulações e condutas interindividuais, assim como os *Auslöser* ou *releasers,* estímulos liberadores, desencadeadores das mais variadas reações, que a etologia vem ressaltando nos mínimos e mais precisos pormenores, são dados que vieram enriquecer o acervo científico coberto pela fórmula E-R. O conceito de estímulo já implica sinais, fontes emissoras, receptores e canais, e o de resposta, em reações, decodificações, trocas, comunicações, atos, desempenhos, comportamentos enfim. A insatisfação justificável quanto às realizações da atual conceituação condutista da psicologia, não justifica seu abandono por uma outra que não a altera nem supera, acrescentando apenas novas evidências do princípio evolucionário da programação genética de comportamentos reativos a estímulos visuais, auditivos, olfativos, gustativos, táteis, álgidos, térmicos, quinestésicos, cenestésicos os mais variados e com efeitos os mais diversos e complexos do ponto de vista adaptativo. A fórmula E-R, geral e eminentemente abstrata, abrange tanto a sensibilidade e receptividade aos sinais (estímulos) do ambiente (externo e/ou interno), quanto à emissão de sinais, além da intervenção, manipulação, operação sobre o meio. Inclui-se, portanto, no amplo conceito de conduta, também a atividade alteradora, modificadora, construtiva ou destrutiva, protetora ou poluidora do meio, de ecologia aplicada ou de ecocídio.

Sem qualquer resquício de conservadorismo ou saudosismo, acreditamos que o problema conceitual da psicologia foi resolvido. Dos conceitos de alma, faculdades mentais, experiência imediata, atividade mental, consciência, correntes da consciência, ao de comportamento, ou atividade de organismos, houve uma evolução do pensamento humano favorecido por uma longa experiência registrada, comunicada, discutida, criticada, revista, aproveitada, corrigida e atualizada. A necessidade especulativa humana parece assim suficientemente satisfeita quanto a um aspecto preliminar e básico da psicologia, que é sua definição. Sustentamos neste trabalho a suposição de que o homem foi evolucionariamente programado para a curiosidade e a "'admiração", bem como para a "especulação", isto é, pesquisa conceitual ou elaboração de explicações ou hipóteses explicativas. Não podemos pois deixar de admirar as maravilhas das realizações tecnológicas no campo da

comunicação e as especulações que sugerem em torno dos modelos cibernéticos (reedição revista e aumentada do *homem máquina,* de La Mettrie), que levaram inclusive a um psicólogo de vulto, como Floyd H. Allport (1955), a rever o conceito de estrutura sob a inspiração da cibernética e da teoria da informação, para uma ampla reformulação das teorias da percepção. Também admiramos a perspectiva de um novo período conceitual, "comunicológico", oferecido por Cosnier (1971). Acreditamos porém que se proporcionam hoje novas pistas para a especulação, isto é, para a pesquisa conceitual e experimental, não qualquer necessidade de revisão conceitual. Morfologia-fisiologia-psicologia, isto é, estrutura-função-comportamento, completam-se na visão psicológica dos organismos, unidades vivas em ação no meio ambiente, ação esta que compete também ao psicólogo estudar e com ele, em composições determinadas de divisão do trabalho científico, o sociólogo, o antropólogo, o economista, o politicista, o pedagogo, o psiquiatra e o administrador. Neurofisiologia, psicofisiologia, neuropsicologia, psicobiologia, genética do comportamento, psicoquímica, psicofísica, zoopsicologia e etologia, formam as disciplinas intermediárias que vinculam a psicologia (ação externa), com a fisiologia e morfologia (processos internos e suas estruturas).

Apesar das controvérsias e divergências que envolvem os estudos psicológicos, alimentando um velho ceticismo quanto as suas possibilidades científicas, já se chegou a certas explicações e previsões bem fundamentadas em dados experimentais, nos campos da aprendizagem, motivação, percepção, memória e a instrumentos quantificados e objetivos de avaliação de aptidões, conhecimentos e propensões. Certamente não se comparam com as ciências físico-químicas e mesmo biológicas, em acervo e precisão, os progressos teóricos e práticos, realizados pela psicologia. Mas, assim como a "arrancada" biológica muito deveu aos progressos físico-químicos, a "decolagem" psicológica estaria na dependência de maiores e mais decisivos progressos físico-químico-biológicos e antropológicos, com inclusão da primatologia. No entanto, a psicologia científica já explica alguns fenômenos e serve muito mais e melhor que a psicologia ingênua, popular ou do senso-comum. Parece-nos bastante, tudo isto, para justificá-la como ciência, embora tendo ainda muito a apelar para as especulações e suposições, filosoficamente, no lugar de hipóteses testáveis e experimentalmente controláveis.

BIBLIOGRAFIA

Allport, F. H. *Theories of perception and the concept of structure.* New York, Wiley, 1955.

Boring, Edwing G. *A history of experimental psychology.* New York, Appleton Century-Crofts, 1950.

Cosnier, Jacques. *Chaves da psicologia,* Rio, Zahar, 1971.

Murphy, Gardner & Kovach, Joseph K. *Historical introduction to modern psychology.* 3. ed. New York, Harcourt-Brace-Jovanovich, 1972.

Keller, Fred. S. *A definição da psicologia.* São Paulo, Herder, 1970.

Skinner, B. F. *Ciência e comportamento humano.* Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1967.

Spence, Kenneth W. *Behavior theory and conditioning.* New Haven, Yale Univ. Press, 1956.

————. Bol. Inst. Psicol. Natureza do conhecimento científico, *Rev. de Estudos Psicológicos.* Rio, UFRJ, 1965.

Watson, John B. *Behaviorism.* New York, W. W. Norton, 1925-30.

Zajonc, Robert. *Psicologia social.* São Paulo, Herder, 1969.